

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-Fonte,  
Câmara Brasileira do Livro, SP)

A.274c

Alain, 1868-1951.

Reflexões sobre a educação [por] Alain (Émile Chartier); tradução de Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo, Saraiva, 1978.

1. Educação I. Título.

77-0354

CDD-370

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação 370

Direitos exclusivos para a língua portuguesa adquiridos por

**SARAIVA S.A. — Livreiros Editores**

**São Paulo — SP**  
Av. do Emissário, 1997  
Tel: (011) 826-8422

**Belo Horizonte — MG**  
R. Célia de Souza, 571 — Bairro Sagrada Família  
Tels: (031) 461-9962 e 461-9995

**Rio de Janeiro — RJ**  
Av. Marechal Rondon, 2231  
Tel: (021) 201-7149 e 261-4811

ÉMILE CHARTIER  
(ALAIN)

# REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO

Tradução de

MARIA ELISA MASCARENHAS

Revisão Técnica e Notas de

JOSÉ ALUYSIO REIS DE ANDRADE

**DEDALUS - Acervo - FE**

Reflexões sobre a educação.

37.01  
A317,



20500030150

15432



1978



Aquisição - de quem	
Origem	Quilombo
C. B.	220,00 F. 033 205/80
Data	11/12/80
N.º de Chamada	37.01
	ABAR

## ALAIN E SUA OBRA

- I — Alain ou a pedagogia da dificuldade  
 José Mário Pires Azanha, da  
 Faculdade de Educação da Universidade de S. Paulo
- II — Alain  
 José Aluysio Reis de Andrade  
 Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação de  
 Araraquara

Do original francês,  
*Propos sur l'Éducation*

© 1932, Presses Universitaires de France  
 108, bd Saint-Germain, 75279 Paris

Traduzido da 15ª edição, 1972

*Assessoria Editorial:* Prof. Dr. João Gualberto de Carvalho Meneses,  
 da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.  
*Capa de:* Regina B. Tracanella e Maria Tereza A. Jorge.  
 O desenho da 4.ª capa é de Eugenio Colonnese.  
*Produção gráfica:* Arlindo André Batista Meira e Luiz Vitiello Júnior.

# REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO

brincadeira X Tudo  
Quem

# I

Algumas pessoas jogavam *Letras*, um passatempo conhecido; trata-se de formar palavras com letras esparsas. Essas combinações excitam prodigiosamente a atenção. A grande facilidade dos pequenos problemas de três ou quatro letras leva o espírito a um trabalho muito fatigante; bela ocasião para o ensino dos termos técnicos e da ortografia. Assim, pensava eu, é fácil prender a atenção da criança; façamos para ela uma ponte que vá de seus jogos até às nossas ciências; e que ela se ponha a trabalhar sem saber que trabalha. Depois, durante toda a sua vida, o estudo será um repouso e uma alegria, por causa desse hábito da infância, enquanto que, para a maioria, a lembrança dos estudos é como um suplício. Seguia assim essa idéia encantadora em companhia de Montaigne <sup>1</sup>. Mas a sombra de Hegel falou mais alto <sup>2</sup>.

A criança, disse essa Sombra, não gosta de suas alegrias de criança tanto quanto você pensa. Em sua vida imediata, sim, ela é totalmente criança, e contente por ser criança, mas para você, não para ela mesma. Pela reflexão, logo rejeita seu estado de criança: quer tornar-se homem. E nisso é mais séria que você, menos crian-

1. Alusão à concepção de Michel de Montaigne (1533-1592) expressa nos *Ensaíos* (1582), Liv. I, cap. XXVI, de que o aprendizado deve ser ameno criança.

2. Referência geral à concepção de Hegel (1770-1831) de que a criança não se compraz com a sua própria maneira de ser. Aspirar, natural e necessariamente, a ser homem, que constitui a realização da *idéia*.



ça que você, que se faz de criança. Porque o estado de homem belo para quem a ele chega com todas as forças da infância. O sono é um prazer de animal, sempre cinzento e algo sombrio, mas nel logo nos perdemos; escorregamos para ele; mergulhamos, sem qua quer retorno a nós mesmos. E isso é o melhor. É todo o prazer d planta e do animal, certamente; é todo o prazer do ser que nad supera, que não se ergue acima de si mesmo. Mas embalar não instruir.

Ao contrário, disse essa grande Sombra, desejo que exista com que um fosso entre a brincadeira e o estudo. Quê! Aprender ler e a escrever por meio de jogo de letras? A contar com avelã em atividade de símio? Antes temeria que estes grandes segred não parecessem bastante difíceis, nem bastante majestosos. Idiota se diverte com tudo; ele rói as nossas belas idéias, rumin zomba. Tenho medo desse selvagem disfarçado de homem. Um pouco de pintura, brincando; algumas notas de música, repentiname te interrompidas, sem medida, sem a seriedade da coisa. Uma co ferência sobre o rádio, ou sobre a telegrafia sem fio ou os raios a sombra de um esqueleto, uma anedota. Um pouco de dança; um pouco de política, um pouco de religião. O Incognoscível em se palavras. "Eu sei, compreendi", diz o idiota. Mais lhe conviria tédio. Talvez ele o superasse. Mas nesse jogo de letras ele per manece assentado e muito ocupado; sério ao seu modo, e conten consigo mesmo.

Prefiro, disse a Sombra, prefiro na criança este escrúpulo de ho mem, quando vê que é hora de estudo e que desejamos ainda fazê- rir. Quero que ela se sinta bem ignorante, bem longe, bem abaixe bem criancinha por si mesma; que se apóie na ordem humana; qu se forme no respeito, porque somos grandes pelo respeito, e não pequenos. Que conceba uma grande ambição, uma grande resolu ção, por uma grande humildade. Que se discipline e se faça; sem pre com esforço, sempre em ascensão. Aprender facilmente a coisas fáceis. Depois, saltar e gritar, segundo a natureza animal. Progresso, disse a Sombra, por oposições e negações.

## II

Já me ocorreu responder a algumas perguntas de pedagogia. Já me ocorreu ter que responder a questões em inquéritos de pedagogia. É sempre como dar um bom pontapé no sistema-de-instruir invertindo. Lastimo perturbar homens bons e eminentemente razoáveis. Mas que fazer? Os pedagogos são crianças ajuizadas. Não conhecem o poder das paixões. O homem é um animal, e o homem superior talvez seja ainda mais animal que os outros. Nele percebo uma força que é disciplinada, mas que é sempre força. Isso me faz pensar que é o animal que pensa, condição que ninguém pode evitar. Entretanto, os grandes modelos mostram também a imensa distância entre o animal e o homem. Sei como são treinados os cães, sei que o treino perfeito faz com que pareçam mais do que nunca cães. Quanto mais eu os domino, mais eles são cães.

Não se trata, portanto, de domesticar as crianças, ainda que isso seja para seu próprio bem. Muito pelo contrário, é necessário que adquiramos seu próprio aprendizado em suas mãos, fortalecendo assim sua vontade. Porque não há outro valor humano além desse. E não tenho o propósito de habituar o homem aos ruídos repentinos, como se faz para os cavalos do exército. Em suma, tudo o que é hábito na educação não me parece humano. Ou, por outro lado, a experiência que interessa me parece mortal para o espírito. Temos mil exemplos disso. Os selvagens interessam-se pelo que é caça e pesca, pelas mudanças de tempo, pelas estações, pelos sinais das estações; vemo-los entretanto supersticiosos e crédulos; é que hábito os governa. Eles sabem muito bem atirar com o arco e

seguir uma pista, mas acreditam também que um encantamento, isto é, uma conjuração de palavras, produz a morte. Viram os efeitos, temem as causas. Nisso reconhecem o movimento do animal que teme o chicote; quando tomamos o chicote ele começa a gemer. Ele se reconhece; reconhece os movimentos animais que são produzidos pelo hábito, e sente assim que a simples visão do chicote faz mal. O selvagem é governado do mesmo modo, e é ingênuo da mesma maneira; julga que o simples olhar de um feiticeiro prejudicará um dia de caçada, e, por acreditar nisso, ele o constata. Porque aquele que está certo de perder a caça, perde-la-á. Esse tipo de armadilha, de mil formas, explica o incrível estado de barbárie e de furor do qual há pouco saímos, e do qual a criança certamente ainda não saiu. Porque ela nasce inteiramente nua, e traz em seu saco de pele todas as paixões.

*... a natureza humana...*  
O imenso perigo, e também a urgência, sempre, prementemente, de se virar a humanidade da barbárie próxima, exige que nos encaminhe-  
mos diretamente à finalidade humana. É necessário que a criança conheça o poder que ela tem de se governar, e, antes de tudo, de não se confiar. É também preciso que tenha o sentimento de que este trabalho sobre si mesma é difícil e belo. Não direi apenas que tudo o que é fácil é mau; direi mesmo que o que julgamos fácil é mau. Por exemplo, a atenção fácil não é de modo algum a atenção; ou, senão, poderemos dizer que o cão que espera o açúcar presta atenção. Igualmente, não quero vestígio de açúcar; e a velha história do cálice amargo cujas bordas são untadas de mel parece-me ridícula. Preferiria tornar amargas as bordas de um cálice de mel, todavia isso não é necessário; os verdadeiros problemas são inicialmente amargos de gosto; o prazer virá para aqueles que vencerem o amargor. Não prometerei, portanto, o prazer, mas darei como finalidade a dificuldade vencida. Esse é o atrativo que convém ao homem; somente assim é que conseguirá pensar em vez de experimentar.

Toda a arte consiste em graduar as provas e em medir os esforços; porque a grande tarefa é dar à criança uma elevada idéia de seu poder, e de cultivá-la pelas vitórias. Mas é também importante

que essas vitórias sejam penosas, e atingidas sem qualquer auxílio externo. O defeito do que é interessante por si consiste no fato de não apresentar dificuldade em nos interessar, e também no fato de que não aprendemos a nos interessar por vontade própria. Eis por que desprezo até mesmo a bela linguagem, que é uma maneira de prender facilmente a atenção. E a criança não deve somente ser capaz de vencer o tédio e a abstração; deve também saber que é capaz disso. Isso é que deve ser realçado, e trata-se, não mais, de aplicar à cultura do espírito os princípios que não podemos esquecer quando ensinamos a ginástica. Experimentemos, portanto, esse rude método, e logo veremos uma bela ambição, uma ambição de espírito que os cães não possuem.

*Do grande perigo da barbárie*

*... a natureza humana...*



# III

Crianças nascidas e criadas na burguesia imitam as conversações e a polidez, oferecem seus lugares, acompanham as pessoas, saúdam, sem encontrar qualquer dificuldade nisso. É que as coisas não são tão importantes quanto as pessoas. Os filhos de acrobatas, no tapete do circo, tentam manter-se de cabeça para baixo ou dar saltos perigosos, coisas nas quais a opinião não importa, porque o peso corrige rudemente o desajeitado. Interferiram ou não os pais, é como se a criança fosse punida a cada erro. Esses dois métodos fazem duas espécies de homens, duas espécies de estima, duas espécies de glória. Um filho de virtuose imita o pai tocando, sendo aplaudido, saudando, falando aos príncipes; é a parte fácil do officio; mas não pode imitar o pai diante do violino ou do piano. É também necessário forçá-lo muitas vezes; e muitos artistas foram inicialmente conduzidos ao apuro e à precisão por pancadas de régua. Considerando os resultados, segundo os valores humanos, compreendemos que falta algo em uma educação toda de docura. Montaigne era despertado ao som dos instrumentos; não era esse o meio de formar um músico. O homem só tem importância pelo que obtém de si segundo o método severo; é aqueles que recusam o método severo nunca valerão nada.

Não quer isso dizer que eu seja favorável às pancadas. Pierre Hamp, em seu belo livro em que nos apresenta a história de seus officios, conta que um pequeno pasteleiro, por um erro, perdoável ou não, logo recebe uma pancada de espátula na cabeça, um golpe que dói. Não sabemos dizer se a rapidez e a precisão dos movimentos

ganham ou perdem nesse regime; muitos dirão que há homens que se assemelham a estes cavalos generosos que se consumiriam para ultrapassar o vizinho, mas enfim que é necessário bater mais na cabeça se desejarmos obter no mesmo tempo mais meio metro. Talvez o boxeador aprenda mais depressa se o golpe for real, e se, por uma fração de segundo, o nariz sangrar ou o olho ficar inchado. Não seria necessário concluir que então sua vontade é escrava e que isso é o melhor; porque é o aprendiz de boxeador que quer que o golpe seja forte, e que suas faltas sejam punidas segundo a força, não segundo a opinião. O método de força teve decerto seus excessos. Locke<sup>3</sup>, em seu tratado de pedagogia, recomenda que se surra fortemente a criança mentirosa. Que falta aqui? Falta que a criança mentirosa peça por si mesma para ser surrada. Eis aí a questão. É preciso que a criança, por si mesma, procure a dificuldade, e recuse qualquer auxílio ou apoio. Tal criança não apenas existe, mas é mesmo comum.

O que leva adiante a criança não é o amor pelo jogo, porque, a cada minuto, ela esquece um amor do jogo, e é como passar da camisa para a calça. Toda a infância se passa em esquecer a criança que se era na véspera. O crescimento não significa outra coisa. E a criança nada mais deseja senão deixar de ser criança. Ambição que sem cessar cede lugar à atração do jogo; do mesmo modo o jogo contínuo sempre tem desgosto e tédio. A criança pede socorro. Quer intensamente ser tirada do jogo; não pode fazer isso por si mesma, mas por si mesma ela o deseja. É o começo e como o germe de sua vontade. Eis por que, protegendo das pancadas o que merece ser protegido, não devemos temer desgostá-la, e até mesmo devemos temer ser-lhe agradáveis. Ela ama o que é semelhante, mas despreza-o também. Se a ajudarmos a contar, ela cederá e ficará contente, porque é criança; mas se não a ajudarmos e, ao contrário, esperarmos friamente que ela se arranje sozinha, e

3. John Locke (1632-1704), filósofo empirista inglês, teórico do liberalismo político e da tolerância religiosa e para quem a empresa da educação reside na formação de um caráter livre, recusa eficácia às sanções físicas, sobrepondo-lhes as sanções morais (cf. *Pensamentos Referentes à Educação*, 1693).

mostrarmos seus erros sem qualquer complacência, reconhecerá então seu amigo verdadeiro, que não adula, que não engana. Quanto à severidade, os próprios números se encarregarão disso, pois não têm piedade. Assim é que será honrado como deve ser o mestre de valor.

## IV

Quando alguém diz, depois de tantos já o terem dito, que é necessário agradar às crianças, e que esse é o verdadeiro meio de instruí-las, deixamos passar. Mas não gosto muito de tais docu-  
ras, nem deste professor cortês. Quando estava na escola en-  
contrei um professor muito afetuoso, e que sabia interessar seu jo-  
vem auditório; posso até dizer que o amávamos. Ora, ele não  
conseguiu superar uma certa desordem que, como me lembro muito  
bem, resultava de sinais indiscretos de aprovação. E com isso vi-  
nha logo o tumulto, pelas forças da juventude, e pelas leis da mul-  
tidão, que se agita à maneira dos elementos naturais. Do que  
tirei uma espécie de regra de ofício; concordo que devemos provo-  
car o interesse, mas não devemos querer interessar, e, principal-  
mente, não devemos mostrar que o queremos. Tal regra é boa  
também para o orador, e em todas as artes ela é encontrada, ainda  
que esteja então profundamente escondida. Não tem o ator o ofício  
de agradar? Sim, mas existe agradar e agradar: e o difícil é fazer  
com que os homens sejam levados a gostar finalmente do que inicial-  
mente não gostavam. *gostar de que não se gosta*

O ofício de condutor de homens, qualquer que seja o grau em que seja tomado, encerra muitos ardis. Os atores que resolveram trabalhar de costas para o público haviam julgado, e talvez por razões secundárias, que um certo ar de indiferença serve algumas vezes para despertar a atenção no nível conveniente, e para mostrar aos espec-  
tadores um tipo de prazer que eles apenas não concebiam. A arte



do músico, se bem ouvi, não começa agradando, mas sim forçando. Muita adulação inicialmente no som pode ofender. Há também uma arquitetura aduladora e um abuso de rosas em guirlandas. Sinto que o homem é um animal ativo e difícil e, abaixo dele, a criança é mais homem que o homem. Uma criança mimada é uma criança estragada por agrados e prazeres feitos. Que deseja ela então, e que deseja o homem? Deseja o difícil, não o agradável, e, quando não pode manter esta atitude de homem, deseja que a ajudemos nisso. Pressente outros prazeres além dos que correm ao nível dos seus lábios; quer erguer-se inicialmente até perceber uma outra paisagem de prazeres; quer enfim ser educada; eis aí uma palavra muito bela.

Uma bela palavra, cujo sentido a criança percebe muito bem, por este movimento natural de crescer que é seu. No nível da criança, pense nisso, você só desperta o interesse de seu ser de ontem; ela diminui então um pouco o seu tamanho, a fim de que você possa lhe agradecer. Mas cuidado com o desprezo. O que existe de terrível no desprezo é a parte de desprezo de si que nele existe, desprezo de si ultrapassado. Tal é o progresso da criança; se ela o faz sem o seu auxílio, você se torna então para ela apenas um objeto de distração. E nada é mais desprezível que o objeto de distração. "Para esta criança de ontem, diz a criança a si mesma, meus brinquedos são suficientes."

Eis por que não acredito muito nessas lições divertidas que são como o prosseguimento das brincadeiras. São devaneios de boas pessoas que não aprenderam seu ofício. Certamente é melhor perceber as causas, mas o ofício instrui de modo mais rude e rústico. O sino ou o apito marcam o fim dos jogos e a volta a uma ordem mais severa; e a prática ensina que não deve haver uma passagem insensível, mas, pelo contrário, uma mudança total, e muito clara nas aparências. A atenção é elevada de um grau. Ela então não procura mais lamber algum prazer, como fazem os cães. Não é mais gulodice; é privação, paciência; é uma espera que olha acima de si mesma. A atenção do cão não é atenção.

**V**

Não tenho muita confiança nesses jardins de infância e outras invenções por meio dos quais procura-se instruir divertindo. O método já não é excelente para os homens. Poderia citar pessoas que são consideradas instruídas, e que se entendiam lendo *La Charitreuse de Parme* ou *Lys dans la Vallée*<sup>4</sup>. Tais pessoas só lêem obras de valor secundário, nas quais tudo está disposto para agradar à primeira vista; mas, entregando-se a prazeres fáceis, perdem um prazer mais alto que teriam adquirido por meio de um pouco de coragem e de atenção.

A mulher e deve ser desobediente de um modo superior.

Não há experiência que eduque melhor um homem que a descoberta de um prazer superior, que ele teria ignorado para sempre se não tivesse se esforçado, um pouco, inicialmente. Montaigne é difícil; é que é preciso inicialmente conhecê-lo, orientar-se em sua obra, identificar-se com ela; somente depois disso é que é possível descobri-lo. Do mesmo modo, a geometria por cartões reunidos pode agradar; mas os problemas mais rigorosos produzem também um prazer mais vivo. Assim é que o prazer de ler uma obra ao piano não pode ser percebido nas primeiras lições; é preciso sabermos suportar o abotrecimento inicial. Eis por que não se pode fazer com que as crianças saboreiem as ciências e as artes como sa-

4. Stendhal (Henri Beyle, 1783-1842) e Balzac (1799-1850), respectivamente autores dos romances *A Cartuxa de Parma* e *O Lirio do Vale*, estavam entre os preferidos por Alain. Sobre cada um deles publicou ensaios: Stendhal (1935) e *Avec Balzac* (1937).



boreamos os doces de frutas. O homem se forma pelo esforço; seus verdadeiros prazeres, ele deve ganhá-los, merecê-los. Deve dar antes de receber. É a lei.

O officio de distrair é solicitado e bem pago, e, no fundo, secretamente desprezado. Que pensar dessas vazias revistas semanais, cheias de imagens, nas quais todas as artes e todas as ciências são postas ao alcance do olhar mais distraído? Viagens, rádio, aeroplanos, política, economia, medicina, biologia, tudo reunido; e os autores tiram também todos os espinhos. Esse magro prazer desgosta; produz um enfado das coisas do espírito, que são severas no início, mas deliciosas. Citei há pouco dois romances que não são mais lidos. Quantos prazeres ignorados e que as pessoas poderiam obter com a condição de terem um pouco de coragem! Ouvi contar que uma criança muito amada, que ganhara um teatro de marionetes como presente de aniversário, instalava-se na orquestra como um velho senhor rico, enquanto sua mãe se esforçava para fazer com que os personagens se movessem e inventava estórias. Com semelhante regime, o pensamento engorda como uma galinha. Prefiro um pensamento magro, que caça a sua presa.

Principalmente às crianças, que têm tanto frescor, tanta força, tanta curiosidade ávida, não quero que se ofereça assim a noz descaçada. Toda a arte de instruir consiste em conseguir-se, pelo contrário, que a criança se esforce e se erga ao estado de homem. Não é a ambição que falta aqui; a ambição é a mola do espírito infantil. A infância é um estado paradoxal no qual se percebe que não é possível permanecer; o crescimento acelera imperiosamente este movimento de auto-superação, que, em seguida, tornar-se-á bem mais lento. O homem feito deve reconhecer que é em certo sentido menos razoável e menos sério que a criança. Há, sem dúvida, uma frivolidade da criança, uma necessidade de movimento e de ruído; é a parte dos jogos; mas é também necessário que a criança se sinta crescer, quando passa do jogo ao trabalho. Esta bela passagem, longe de torná-la insensível, eu a desejaria marcada e solene. A criança nos será reconhecida por ter sido forçada; mas desprezar-nos-á se tiver sido adulada. O aprendiz está em um melhor regime; ele sente a seriedade do trabalho; entretanto, pelas próprias necessida-

des do trabalho, está melhor formado quanto ao caráter, não quanto ao espírito. Se aprendêssemos a pensar como aprendemos a soldar, conheceríamos o povo rei.

Ora, desde que nos aproximamos dos pensamentos reais, ficamos todos submetidos a esta condição de receber inicialmente sem compreender, e por uma espécie de piedade. Ler é o verdadeiro culto, e o termo *cultura* mostra-nos tal fato. A opinião, o exemplo, o rumor da glória nos dispõe da forma devida, mas a beleza ainda mais. Eis por que estou bem longe de crer que a criança deva compreender tudo o que lê e recita. Tomemos, portanto, La Fontaine, sim, antes de Florian; tomemos Corneille, Racine, Vigny, Hugo.

Mas será isso muito para a criança? Por Deus, assim o espero. Ela será inicialmente tocada pela harmonia. Escutar em si mesma as belas coisas, como uma música, é a primeira meditação. Devemos semear os verdadeiros grãos, e não areia. Que elas vejam os desenhos de Da Vinci, de Miguel Ângelo, de Rafael; e que ouçam Beethoven ainda em seu berço.

Como aprendemos uma língua? Pelos grandes autores, e não de outro modo. Pelas frases mais densas, mais ricas, mais profundas, e não pelas tolices de um manual de conversação. Aprender inicialmente, e abrir em seguida todos esses tesouros, todas estas jóias de tríplice segredo. Não acredito que a criança possa se educar sem admiração e sem veneração; é nisso que ela é criança. E a virilidade consiste em ultrapassar esses sentimentos, quando a razão desenvolve sem fim toda a riqueza humana, inicialmente presentida. A criança constrói uma idéia muito grandiosa da idade viril; é necessário entretanto que esta esperança seja também ultrapassada. Nada é demasiadamente belo para essa idade.



# VI

Dois juízos falsos em todos os nossos ensaios. Pensamos, inicialmente, que a coisa é muito fácil; e, após uma primeira tentativa, julgamo-la impossível. Os que fizeram girar um diaboló, jogo esquecido, sabem o que é uma tentativa ridícula e sem qualquer esperança. Que dizer então do violino, do piano, do latim, do inglês?

O espetáculo dos que já prosseguiram fortalece no começo nossa coragem, mas quase logo em seguida arruína-a com uma comparação que esmaga. É por isso que a curiosidade, o primeiro impulso, o ardor de qualquer começo não prometem muito aos olhos do mestre. Ele sabe muito bem que essas provisões serão logo devoradas. Espera mesmo que o desespero e a falta de habilidade estejam ligadas à primeira ambição, porque é necessário que todas estas coisas de entrada, boas e más, sejam enterradas e esquecidas; então o trabalho começa. Eis por que, se trabalhamos sem mestre, as tentativas terminam logo no momento em que o trabalho deveria começar.

O trabalho tem exigências espantosas, e que nunca compreendemos suficientemente. Ele não tem paciência para esperar que o espírito considere fins distantes; quer toda a atenção. O ceifeiro não olha a extremidade do campo.

A escola é um local admirável. Acho bom que os ruídos externos nela não penetrem. Gosto destas paredes nuas. Não aprovo que nelas sejam dependuradas coisas que atraíam o olhar, ainda que belas, porque é necessário que a atenção seja levada ao trabalho.

Esteja a criança lendo, ou escrevendo, ou calculando, essa ação desnudada é seu pequeno mundo, e deve lhe bastar. E todo este aborrecimento, em volta, e este vazio sem profundidade, são como uma lição falante, porque se há algo que lhe importa, meu pequeno: é o que você faz. Se bem ou mal, logo você saberá. Mas faça o que você faz.

Esta simplicidade monástica nunca é aceita por suas verdadeiras causas, ainda que felizmente estejamos reduzidos a ela. "Oh, solidão, oh, pobreza!" Todo homem é um poeta que se queixa. Ouvi contar, a respeito de uma criança bem dotada, que seu professor de piano ocupava boa parte do tempo a lhe falar sobre biografias, escolas e gêneros, o que talvez a prepare a falar razoavelmente sobre Beethoven, mas de modo algum a tocar as suas obras. Ora, falar razoavelmente não é difícil; tocar é que é difícil. E enfim não há progresso, para qualquer escolar que seja, nem no que ele ouve, nem no que vê, mas somente no que faz.

Ora, este método severo, que encurta tão bem as visões sobre o mundo, é justamente o que introduz ao mundo. Porque, informando-nos a respeito de tudo, nunca sabemos nada. Aprendemos a política transmitindo ordens e copiando despachos, e não de outro modo. Chegarei mesmo a dizer que em qualquer trabalho o desejo de fazer bem deve ser usado no início; e disso qualquer ofício se encarrega, e também o ofício de escolar, como os outros. Porque o desejo visa muito longe, e estraga a ação presente, misturando a esta a que se seguirá. Por mais exercitado que seja o pianista, sempre terá tanto de decepções quanto de ambições. Por isso ele é levado ao seu trabalho, e tudo lhe confia. Aqui começa toda a grandeza.

Quero explicar assim que a paciência consiste em dispensar-se de provas; e a provação, em todo o seu sentido, significa isso. Do mesmo modo, os impacientes sempre dizem que não se lembram de nada, que não progredem, que tudo é difícil. Essa atitude do espírito não é desprezível; existe nela certa seriedade, uma severidade para consigo mesmo, uma nobre idéia da perfeição. Mas são virtudes prematuras. É necessário superar essa timidez orgulhosa. A

ambição é então inteiramente levada a ações que estão sempre ao alcance, como, por exemplo, reger o emprego do tempo. E, por meio desta humilde polícia de si mesmo, o espírito fica então libertado sem que perceba. Esta arte de querer não se perde mais, mas não vejo como possa ser adquirida fora do colégio. E aqueles que são instruídos, tardiamente, como diz Platão, nunca a adquirem.

## VII

“Que é a escola, dizia o pedagogo, senão uma família maior e que desejaria substituir a mãe, sem muita esperança de consegui-lo, ou pelo menos de se aproximar de tal finalidade? A educação normal, para os de pequena idade, requer duas condições: a primeira, é que a mãe tenha tempo para instruir seu filho; a segunda, é que ela seja capaz de fazê-lo. Entrentes, nós outros recebemos delegação do pai e da mãe; e temos obrigação de amar crianças gurus como se os tivéssemos feito. Há algo de artificial, de abstrato e de inorgânico nessa instituição, que sem dúvida desaparecerá pela ação de uma melhor Economia e de uma melhor Sociologia.”

Assim, tentava ele ligar as novas idéias com as antigas. Mas o velho sociólogo sacudia a cabeça e lançava faíscas através de seus óculos. “Observemos, diz ele, não construamos. Não creio que haja tanto de artificial e de inorgânico em vossas escolas; e também não me agrada que se procure saber em que é que uma instituição se assemelha a outra. De preferência, eu pensaria que a escola é uma coisa natural, não menos natural que a família; e muito diferente da família, e cada vez mais, à medida que ela desenvolve sua perfeição própria. Tudo é feito com o mesmo fio, eu compreendo bem; mas esta humanidade escolar parece-me arranjada e tecida de modo diferente. Desde que haja várias famílias em vizinhança e cooperação, o agrupamento das crianças segundo a idade se faz naturalmente para as brincadeiras. É verdade que o agrupamento



familiar, com seus pequenos e seus grandes conjuntos, e com esta distribuição natural dos poderes e dos deveres, é algo de belo e que nada pode substituir. Aqui é a escola do sentimento; aqui movimentam-se o devotamento, a confiança, a admiração; os meninos imitam o pai, as meninas imitam a mãe, cada um é ao mesmo tempo protetor e protegido, venerado e venerante. Mas por que tentar imitar o que é inimitável? A reunião das crianças da mesma idade, e que devem aprender as mesmas coisas, é uma sociedade natural também; não do mesmo gênero, mas de gênero totalmente diverso; diverso por sua estrutura, que eu não inventei. Por que desejam vocês afirmar que ir à escola seja menos natural que ter duas mãos, um ouvido musical, e olhos sensíveis ao relevo e às cores?"

O pedagogo abandonara seus lugares-comuns e espreitava a idéia, porque o objeto assim focalizado era-lhe familiar e de certa forma estava sempre sob seus olhos e em suas mãos já há alguns anos. Mas o outro, boa cabeça, trazia à palestra este espírito de conjunto, que faz surgir as diferenças. Sacudindo novamente a cabeça, e como que olhando de lado, ele disse: "A escola contrasta, ao contrário, com a família, e esse próprio contraste faz com que a criança desperte deste sono biológico e deste instinto familiar que se encerra sobre si mesmo. Aqui, igualdade de idades; elos biológicos muito fracos, e além disso apagados. Dois gêmeos, dois primos da mesma idade ficam aqui separados, e logo agrupados segundo outras afinidades. Talvez a criança seja libertada do amor por este sino e por este mestre sem coração. Porque o mestre deve ser sem coração; sim, insensível às gentilezas do coração que aqui não são mais contadas. Ele deve sê-lo, ele o é. Aqui aparecem o verdadeiro e o justo, mas medidos pela idade. Aqui é apagada a felicidade de existir; tudo é inicialmente exterior e estranho. O humano se mostra nesta linguagem regrada, neste tom cantante, nestes exercícios, e mesmo nestes erros que fazem parte do cerimonial, e não comprometem o coração. Uma certa indiferença aparece; o espírito lança o seu olhar oblíquo e sua invencível paciência. O olhar mede e conta, em vez de esperar e de temer. O tempo toma dimensão e valor. O trabalho mostra seu rosto frio, insensível à pena e até mesmo ao prazer".

## VIII

A família instrui mal e mesmo educa mal. A comunidade do sangue desenvolve em seu seio afeições inimitáveis, mas mal regradas. As pessoas confiam nessas afeições; e assim, tiranizam de todo o coração. Isso tem algo de selvagem. Uma total confiança, sem nenhuma liberdade. Pode-se exigir tudo, mas igualmente tudo é devido. Quando a família vive sobre si mesma como uma planta, sem o ar saudável dos amigos, dos cooperadores e dos indiferentes, surge nela um fanatismo sem igual. É um furor de admirar e ao mesmo tempo de censurar. Não é permitida a dissidência porque a concordância é muito esperada. O traço mais característico dessa existência puramente biológica é a diferença das idades, que implanta a hierarquia em tudo. Espantamo-nos com as disputas entre irmãos; mas é preciso que nos lembremos de que existe sempre um mais velho e um mais jovem; é uma comunidade, não uma igualdade. Nessa comunidade o corpo poderia estar bem, mas o espírito se revolta. Portanto, a natureza o castiga. Isso produz dramas, mesmo em um garotinho de sete anos. É necessário admitir que qualquer pensamento é injurioso em relação a um pai ou a uma mãe; é necessário admitir que isso está bem e que só pode ser assim.

Parece-me que as comunidades religiosas traduzem essa oposição, mas abstratamente, isto é, por simples negação. A idéia de que os elos de família constituem obstáculo à salvação é uma idéia forte, ainda que não desenvolvida. É preciso que compreendamos que o espírito cristão foi um espírito de livre pensamento, e que

ainda o é, e sempre o será; e a doutrina da salvação pessoal será sempre um escândalo diante da instituição biológica. Inversamente os direitos do quilo, e as reivindicações da polpa nutriz sempre constituirão escândalo diante do espírito. Do que decorre esta divisão, celebrada em Polyeucte <sup>5</sup>.

É necessário que o oposto imite o seu oposto. A ingênua igreja é uma família de espíritos, que reconstrói a família; o que encontramos no festim místico é a um só tempo negação e imitação da mesa familiar. Daí a obrigação de venerar e de crer, e uma insuperável dificuldade de sair da infância. Esses tecidos de sociedade deveriam ser estudados fisiologicamente, porque de qualquer modo a biologia nos conduz e, por conseguinte, nos governa sempre. Quantos homens são ainda crianças em doutrina, tal como esses pais que são ainda crianças diante do ancestral! A metáfora do Pai Eterno é justamente como estes movimentos de vida que ultrapassam de longe nossos magros pensamentos, anunciando-os muitas vezes, e sempre os regulando.

Se procurarmos agora o meio-termo, encontraremos a escola. Quem não conheceu a escola nada sabe de seu pensamento. Eis aí um outro tecido de sociedade e um belo objeto para o naturalista. Mas atualmente não se pensa mais nisso. A escola se completa por meio dos jogos, nos quais necessariamente as mesmas idades se encontram. As crianças ficam naturalmente reunidas e tão estranhas em sua república de jogos, quanto na sociedade de intercâmbios e na sociedade familiar. Mas como tentar a análise exata desta outra sociedade, que não tem indústria real, que talvez nem mesmo tenha afeições reais, e que por algum tempo costuma escapar às necessidades e às mais duras exigências? Temos sempre presente que o desenvolvimento do espírito nada tem de trágico, e que o próprio jogo conduz naturalmente a um pensamento de jogo, que escolhe e limita seus problemas, e nega as consequências. É certo que a criança que faz um erro de cálculo não fica arruinada por isso. Aqui o erro tem o seu lugar; limpa-se o quadro-negro, e nada

5. No original *qu'on l'élève*. Aqui, como em outras passagens (como na pág. 13, *in fine*), o autor usa *élève* ao mesmo tempo como educar e como educar.

mais resta do erro. Aí então é que o espírito toma esse ar de negligência, que por si só não é bom, mas que é entretanto primordial, como o poder de cair sem se matar é primordial para o ginasta. Isto é novo; podemos perceber apenas os frutos de uma organização de sociedade na qual todo espírito terá sido livre e juiz de si mesmo durante alguns instantes.



## IX

Todos nós sabemos que os pais, quando se misculuem, instruem muito mal os seus filhos. Já vi um bom pai, que era também um bom violinista, cair em acessos de cólera ridícula, e enfim enviar seu filho a algum professor menos apaixonado. O amor não tem paciência. Talvez espere demasiadamente; talvez qualquer negligência possa lhe parecer uma espécie de insulto. Enfim esse sentimento, tão apto a explicar os erros e a desculpar, quando se vê na situação de mestre, torna-se ainda mais severo do que seria se ensinasse a si mesmo. Mas não me surpreende que sejamos severos para com aqueles que nos dizem respeito. Pois não somos também estranhamente severos em relação a nós mesmos? Um homem perdoa com muito mais facilidade o erro de outrem. Mas a lembrança de seu próprio erro faz com que enrubesça, mesmo até dez anos depois. E assim se envergonha da ignorância de seu filho, como se envergonharia da sua própria ignorância. Perde todas as medidas, e as coisas não podem ir bem.

Aristóteles disse que o sentimento logo tiraniza. É preciso que vejamos dos dois lados. O pai imagina, quando percebe a frivolidade do jovem, que seu filho não o ama. Mas o filho, por seu lado, compreende ainda menos que seu pai deseje forçá-lo. Exasperimenta todas as marcas do sentimento, e se não é bem sucedido, desespera-se. Há um espírito de revolta e crises de paixão que perturbam profundamente as famílias, e que a escola logo desfaz. Vi certa vez uma criança ser levada à escola aos gritos; logo que a

porta se fechou, ela se calou. Tornava-se escolar pela força da instituição. É que um tipo de indiferença, que para o mestre é de ofício, age prontamente, como um clima.

Preciosa coisa, o sentimento. Mas não esperemos dele serviços que não pode prestar. O tirano pensava que Guilherme Tell tremeria por causa de seu filho. Ora, aquele que explica é como um atirador de arco; não é necessário que o alvo seja de grande interesse. No meu entender o bom mestre é bastante indiferente, e deseja sê-lo, exercita-se por sê-lo. Um pai pode dizer a seu filho: "Faça isto para me agradar", mas contanto que não se trate de prestar atenção, de examinar, de compreender. Porque, coisa estranha, a boa vontade excessiva, o ardor, a vivacidade, coisas que se assemelham, enfim, à paixão, são totalmente incompatíveis com o exercício da inteligência. Quando um indivíduo nos toca vivamente, por um motivo ou por outro, não estamos mais em condições de dominá-lo pelo pensamento. É necessário usar inicialmente o sentimento.

Por outro lado, o mestre não deve dizer: "Faça isto ou aquilo para me agradar". É usurpar o direito dos pais. E a criança, que tem em tal assunto um pudor extremo, logo sentirá todas as provas de afeição como uma espécie de constrangimento injusto. O próprio tom da afeição desagrada quando provém daqueles que não têm direito de usá-la. Daí decorre o fato de que os sentimentos paternos, em qualquer outro indivíduo que não o pai, tornam-se facilmente ridículos. Enfim, cada relação social tem seu matiz próprio; ao pai convém agir como pai, ao mestre como mestre. Alguns costumam ter escrúpulos; um pai teme amar demasiadamente, um mestre procura amar. Creio que tais escrúpulos estragam tudo. É necessário que cada um saiba exatamente o que deve ser, e que a harmonia nasça das diferenças. A força da afeição está em que, quando pede, tudo perdoará. Ao contrário, a autoridade só se pode enfraquecer quando deseja adivinhar os pensamentos e provocar os sentimentos. Porque se ela finge amar, torna-se odiosa, e se ama realmente, não tem poder. Já observei, e este é um fato do conhecimento dos que aprenderam o ofício, que, logo que a criança

descobre o seu poder de afligir realmente o mestre por sua preguiça ou por sua frivolidade, logo começa a abusar. Pelo que sei, logo se inicia a desordem, quando a bondade do coração se mostra. Enfim, a escola não é de modo algum uma grande família. Na escola mostra-se a justiça, que evita amar, e que não deve perdoar, porque nunca é realmente ofendida. A força do mestre, quando repreende, consiste no fato de que logo no instante seguinte não pensará mais no caso; e a criança o sabe muito bem. Assim, a punição não cai sobre aquele que a aplica. Ao contrário do que ocorre com o pai, que pune a si mesmo quando pune o seu filho.

## X

Sócrates <sup>6</sup> já observava que um pai, por mais eminente que seja, não sabe instruir devidamente os seus próprios filhos. Vi um exemplo disso em uma avó muito instruída, que nunca conseguiu ensinar à sua neta o cálculo ou a ortografia. Esse paradoxo irrita porque os pais sempre estão dispostos a julgar que o mestre tem pouco zelo. E espantam-se quando constatam, para seu próprio exemplo, que o zelo não basta. Digo mais ainda, digo que o zelo prejudica.

É claro que o ensino é um ofício, como qualquer outro. Mas também não creio muito nos procedimentos. Além disso, vi mestres, e mestres que conheciam o seu ofício, falharem com seus próprios filhos, seja para o violino, seja para o latim. A força do ofício não está onde a procuramos; está mais abaixo. Considere-se o caso de um mestre remunerado que chega na hora certa, e vai-se embora também na hora certa; vai dar outras aulas. Aparece então aqui uma ordem inflexível e estranha. Não se leva em consideração o fato de estar ou não a criança bem disposta. Um mestre que se apresenta na hora aprazada nunca será dispensado, a não ser por motivos muito fortes. Assim, as aulas tomam o aspecto da necessidade <sup>7</sup>. E é isso o que importa; porque a criança nunca se resignará a ficar séria e a prestar atenção quando tiver alguma esperança de

6. O Sócrates referido pelo autor, nesta como em muitas outras passagens, é o que foi retratado nos *Diálogos*, de Platão. Especialmente na primeira parte desses escritos, nem sempre se consegue separar o pensamento dos dois filósofos.

7. Termo usado no sentido filosófico de algo que não pode ser de outra maneira, como lei do real.



perder um pouco de tempo. Todos nós sabemos que um pai que deseja fazer o papel do professor nunca será escravo da hora; assim, a criança não se prepara. Não estando presa a uma regra que nunca dá suas razões, nunca toma este hábito precioso de se dedicar inteiramente ao trabalho logo de início. Esquiva-se. Ora, a principal de todas as lições, e a mais importante, é a de que não podemos nos esquivar diante da necessidade. Quem aprende o sentido destas palavras é *necessário* já sabe muito.

Outra consequência. O pai se alegra quando uma aula vai bem; e com isso ele a prolonga. É ainda um grande erro manter a atenção além do tempo fixado. Os treinadores daqueles que se dedicam às competições de corridas sabem que nunca se deve ceder a um certo tipo de entusiasmo que faz com que não se sinta a fadiga. O mestre pago talvez seja menos sábio, mas felizmente a necessidade exterior o convoca; ele se levanta com o despertador. O que existe de melhor para qualquer idade é o trabalho que não faça uso do prazer. Fechamos o livro, passamos a outras ocupações, e então é que a leitura repercute com sua própria força, e acaba de amadurecer por uma espécie de falta de atenção. Isso é ainda mais válido para a criança.

Acrescentemos ainda o fato de que o pai é exigente, e logo em seguida impaciente, por muitas razões: é que ele espera muito, conta demasiadamente com este seu outro eu, que entretanto não tem sua idade nem sua experiência. O pior é que conta com o sentimento, de modo que qualquer erro é considerado pelo lado trágico. Esta criança, que mostra a leviandade própria de sua idade, logo é considerada como não tendo amor por seu pai. Assim, qualquer verdade lhe parece uma horrível injustiça. Aliás, a própria criança faz o seu jogo; sabe que é amada; quer ser perdoada. Estes pequenos dramas, seguidos de reconciliações, esses sinais misturados de ternura e de despeito, passam a interessá-la mais do que a gramática. Os sentimentos sinceros e profundos têm isto de temível: nada lhes importa a não ser sua própria vitória. Desejamos ser amados, sem contudo demonstrar que o merecemos; tudo o que lembra uma troca ou uma recompensa é profundamente desprezado. Eis por que existe uma certa vaidade em todo sentimento verdadei-

ro, e também uma tentativa a fim de se ver até quando é possível desagradar impunemente. E, como é evidente para ambos que a ortografia não tem importância em comparação com o sentimento, esse belo pensamento não demora a prejudicar gramática, história e cálculo.

se lia: mentiroso, menino maldoso, sem coração, e outras coisas desse gênero.

Não sei como essa guerra havia começado; mas agora compreendo que ela durava por sua própria força. O pai sonhava com os meios de corrigir seu filho, e julgava necessário qualificá-lo sem fraqueza; e o filho, interessado nesta espécie de guerra, não deixava de se mostrar desobediente, mentiroso e brutal, segundo os julgamentos paternos. Esses dramas foram esquecidos, e a criança terrível tornou-se um homem semelhante aos demais.

Muitas vezes constatei depois, com as crianças e também com os homens, que a natureza humana se molda com facilidade segundo os julgamentos de outrem, assim como se dá a réplica no teatro, mas talvez também por esta razão mais profunda de que existe uma espécie de direito de mentir para com quem nos julga mentirosos, de bater em quem nos julga brutos, e assim por diante. A contraprova muitas vezes é bem sucedida; não costumamos bater em alguém que está com as mãos nos bolsos, e não gostamos de enganar a confiança verdadeira. E daí concluo que não devemos julgar apressadamente o caráter, como se decretássemos que um é tolo e o outro preguiçoso para sempre. Quando um galé é marcado, ele adquire para sempre uma espécie de direito selvagem. No fundo de todos os vícios, há sem dúvida alguma condenação na qual se acredita. E, em todas as relações humanas, isso leva muito longe, já que o julgamento pede sua prova e a prova fortifica o julgamento. Procuvo nunca julgar muito alto, nem mesmo muito baixo, porque os olhos e a atitude sempre falam demasiadamente; e espero o bem após o mal, muitas vezes pelas mesmas causas. E nisso não me engano muito: todo homem é bem rico.

Com isso, entretanto, creio firmemente que cada indivíduo nasce, vive e morre segundo sua própria natureza, assim como o crocodilo é crocodilo, e não muda. Mas essa natureza pertence à ordem da vida; está abaixo de nossos juízos. É um fundo de temperamento e como um regime de vida, que por si mesma não encerra

## XI

Meu irmão de leite era um garoto silencioso, engenhoso, e, ao que eu soubesse, afetuoso. Eu não o deixava; juntos construimos barcos, fabricamos pólvora e criamos bichos-da-seda. Não me lembro de ter sofrido de sua parte alguma injustiça; nunca o vi também separar seus brinquedos dos meus. Enquanto estava comigo sob o domínio de meus pais, tornava-se esquecido, aventureiro e imprudente como uma criança comum; tal como eu mesmo. Mas obediente, polido e conveniente diante do poder, tanto quanto eu.

Quando estávamos em sua casa, e sob a outra dinastia, as coisas mudavam. Vinham cenas violentas e punições terríveis. Lembrou-me de que seu pai quebrou sucessivamente mais de vinte soldados de chumbo para conseguir que ele dissesse bom-dia à sua avó; e ele não disse. Eu estava fora dessa guerra privada, e contudo muito chocado com a cena, por causa dos soldados de chumbo. Logo que ficávamos sós, nenhum sinal de aborrecimento no garotinho, e recomçávamos nossas brincadeiras. Mas desde que o poder surgia, ainda que com aparências pacíficas, fosse o avô, a avó ou o pai, devo dizer que era mal recebido. A criança terrível logo atacava, segundo as regras da guerra, fazendo abertamente o que era proibido, jogando pedras nas janelas, e servindo-se de palavras injuriosas que comigo nunca eram usadas. Por fim, o garoto acabava preso a uma janela, exposto ao olhar dos transeuntes, com orelhas de burro, ou então expondo sobre o peito um cartaz no qual



nem o bem nem o mal, nem uma virtude nem um vício, mas antes um modo inimitável e único de ser franco ou ardiloso, cruel ou caridoso, avaro ou generoso. Observem que existe bem menos diferença entre um homem corajoso em um encontro, e o mesmo, covarde em um outro, que entre dois heróis e dois covardes.

## XII

Os sociólogos<sup>8</sup> estudam os costumes dos selvagens e se admiram. Por que não estudam os costumes das crianças? Esse povo é mal conhecido. Todos querem julgá-lo de acordo com as crianças que observam em suas próprias famílias. Erro de método, que um sociólogo, por seus prejuízos próprios, deve evitar. Na família a criança não está em relação com seus semelhantes; está presa entre pessoas mais velhas ou mais jovens, e movida por sentimentos invencíveis que são marcados na carne. Somente na escola é que encontra seu semelhante e seu igual. Na escola ela é outra, algumas vezes melhor, algumas vezes pior; diferente, digamos. E isso é o que quase todos os mestres ignoram. Eles contam com o sentimento, e o sentimento só pode ser muito fraco. Nunca somos pais por decreto. É verdade que uma criança isolada é comumente polida diante de um homem que ela não conhece. Mas quando são reunidas crianças da mesma idade, os sentimentos fortes nessa multidão resultam de imitação e de contágio. Se julgarmos que esse ser coletivo tem semelhança, em suas reações, em suas opiniões, em suas paixões, com os indivíduos que o compõem, iremos de erro em erro, e conheceremos o insulto contínuo, falando por cinquenta rostos.

8. É preciso que se tenha em conta que Alain escreveu a maior parte destas reflexões nas primeiras décadas do século, quando os estudos sobre sociabilidade infantil eram pouco difundidos, por se encontrarem ainda em seus começos.

Esse povo criança é capaz de amar e respeitar. Não inicialmente por pensamentos, mas pelo poder de todos sobre cada um. E esses sentimentos coletivos se imprimem tão fortemente que, mesmo na solidão, algo permanecerá. Apenas é preciso inicialmente que esta multidão esteja em ordem, e orientada segundo o silêncio e a atenção. O silêncio é tão contagioso quanto o riso. Mas se essa sociedade de crianças se dispõe mal para começar, tudo está perdido, e muitas vezes irremediavelmente. O riso sacode até mesmo os mais prudentes e tranquilos. Assim, todos sentem que são as partes de um elemento cego como o mar; sentem logo que esta força coletiva é irresistível. A polidez, que é um hábito familiar, não tem mais lugar aqui. A criança está em estado selvagem. Isso já reduziu ao desespero mais de um homem estimável, devotado, afetuoso.

O primeiro pensamento que pode iluminar o mestre, nessa difícil situação, é o de que não há maldade nessas desordens, nem mesmo por pensamento. São efeitos físicos, que resultam do número. Esse pensamento, quando seguido, conduzirá a uma espécie de indulgência e também a uma espécie de severidade. Porque não se trata no caso de pesar nem de julgar; trata-se de impedir. E se o mestre age como uma força física, diretamente oposta à desordem, imediatamente triunfará. Não quero dizer com isso que ele vá se bater; aliás, não seria o mais forte. Mas dispõe de punições muito sensíveis a essa idade agitada, punições que são sempre suficientes, contanto que sejam inflexíveis, à maneira das forças naturais.

Observei, quando era criança, que aqueles que mantêm a ordem como se estivessem varrendo, como se estivessem arranjando objetos materiais, eram logo temidos por esta indiferença, que tirava qualquer esperança. E, sem exceção, aqueles que queriam persuadir, escutar, discutir, perdoar enfim às promessas, eram desprezados, vaiados, e, coisa triste de ser dita, finalmente odiados; enquanto os outros, os homens sem coração, eram finalmente amados.

A situação de um pai é totalmente diferente. Por um lado, ele ama o seu filho, e a criança sabe disso. A criança tem este temível meio de punir seu pai: obrigá-lo a punir. Mas em compen-

sação a criança também o ama; e, principalmente, a criança é a única em sua idade diante do pai. E toda a família, hierarquicamente disposta, é reguladora e testemunha. Coisa digna de nota, esse poder paterno é totalmente incapaz de instruir; e isso é compreensível. Por um lado, o erro de ortografia é tomado como uma ofensa do coração; mas em compensação, qualquer movimento verdadeiro do coração apaga o erro de ortografia. Nesta outra sociedade que é a escola, o sentimento não se conta; em um certo sentido tudo é perdoado; em outro, nada é perdoado. Aqui, não se mostra amor e não se espera por ele. A ordem que deve se estabelecer nessa sociedade não deve parecer de modo algum com a ordem familiar. Mas seria necessário descrever com seqüência estes costumes pouco conhecidos. Como poderemos admitir que nenhum sociólogo tenha pensado seriamente em tal assunto?



# XIII

O elefante, em Kipling<sup>9</sup>, puxa corda, arranca piquetes, responde aos apelos noturnos, e corre nesta dança de elefantes, cerimônia que os homens nunca viram. Em seguida esse fiel amigo do homem volta ao seu cercado. Assim também a criança, exilada de seu povo, fica atrás da janela fechada, escutando o chamado das crianças. A criança é ligada à sua família por elos muito fortes; mas liga-se também ao povo criança por relações que não são menores naturais. Em um certo sentido, ela é menos estranha no meio das crianças que em sua família, onde não tem iguais nem semelhantes. Eis por que, logo que consegue roer a sua corda, corre para a brincadeira, que é a cerimônia e o culto do povo criança. Felicidade plena, então, de imitar seus semelhantes e de perceber em seus movimentos a imagem de seus próprios movimentos.

Em sua família a criança não é ela mesma; pede tudo emprestado; imita o que não é de sua idade. Disso decorre um enfado agitado, que conhecemos mal. Aqui a criança é como que estrangeira, porque não experimenta nem os sentimentos que lhe são atribuídos, nem os que ela mesma exprime. O que se deseja chamar de maldade em certas crianças é sem dúvida somente impaciência por não poder romper a corda e ir encontrar-se com seu povo criança. Esse povo é ateu e religioso; tem ritos e preces nos jogos,

9. Referência a Rudyard Kipling (1865-1936), escritor inglês, de preocupações tipicamente vitorianas, tomou, como assunto de suas obras mais conhecidas, temas da cultura da Índia, então sob dominação britânica. Cf. *O Livro da Jângal, Mogli* etc.

mas sem qualquer deus exterior. Esse povo tem seu próprio deus; adora suas próprias cerimônias e nada mais; é a bela idade das religiões. Os profanos causam escândalo quando são espectadores; e mais ainda quando se misturam nos jogos: o hipócrita não pode enganar aqueles que têm fé. Daí ocorrem movimentos de humor inapreensíveis. Lembro-me de um pai indiscreto que queria brincar com soldados de chumbo com as crianças entre as quais eu estava; eu via claramente que ele não entendia nada; seu próprio filho demonstrava mau humor e estragava tudo. As pessoas grandes nunca devem brincar com as crianças. Parece-me que o partido mais sábio é ser polido e reservado para com elas, como seríamos para com um povo estranho. Quando uma criança se vê separada das de sua idade, só brinca bem sozinha.

A escola é, portanto, uma coisa natural. O povo criança nela se encontra em sua unidade. E aprender é também uma cerimônia. Mas é preciso que o mestre seja estranho e distante. Desde o momento em que ele se aproxima e quer passar por criança, há um escândalo. Como se um profano entrasse em uma sociedade secreta. O povo criança tem suas leis sagradas, e guarda-as para si. Este elo tão forte entre os camaradas de jogos prende até mesmo o homem feito, e de certa forma ele logo se torna amigo de um outro homem que não via há vinte anos, e que quase não conhece. O povo criança cresce assim e torna-se povo de homens, estranho aos que são mais velhos, estranho àqueles que o seguem. A conversa com um irmão mais velho é sempre difícil; é quase impossível com um pai; é mais natural com um estranho de uma outra idade; mais natural com um professor de língua ou de ciência, ou de literatura porque o mestre conhece e mantém as diferenças, enquanto que um irmão ou um pai desejam se aproximar e compreender, e logo se irritam por não o conseguirem. De modo que o mestre se torna embaixador e negociador entre o povo pai e o povo criança.

## XIV

O povo criança vai se reagrupar, e abrir novamente seu parlamento de dez meses.

A família, nesse tempo de férias, esgotou seu poder de pensar, que não vai longe. Porque, pela troca de sentimentos afetuosos, cada um fica fechado em si mesmo, exercendo seu poder de escravo e usando de seu humor sem precaução, o que faz com que o inferior governe e com que o tédio reine. A criança, que não tem ocupações, improvisa em meio a obstáculos, sempre perturbada pela unânime reprovação. Mas ei-la que vai voltar às suas ocupações próprias, e encontrar novamente seu pensamento em seu parlamento. Dizer que a escola convém aos pensamentos de infância é ainda dizer muito pouco. Porque é bem possível que só haja pensamento na escola, e que nossa sabedoria, depois, seja somente a lembrança desse belo tempo.

A experiência instrui pouco, mesmo quando é conduzida segundo o método mais severo. Ora, quem portanto interroga assim a natureza? Talvez algum professor, reconduzido à sua própria infância pela assembléa do povo criança, mais possante então que a assembléa acadêmica, onde a intriga, a adulação e a preponderância dos velhos doentes e atrabiliários logo fazem com que se esqueça a experiência sã e o cálculo honesto. Em geral, é a experiência humana que substitui a outra, a experiência humana, na qual nada é bem sucedido de acordo com o razoável, onde os erros

muitas vezes são recompensados, e outras vezes são punidos; onde o curso do tempo desvia e carrega, porque é necessário seguir os movimentos da fortuna, e criticar o violino quando se ganha a vida tocando flauta. É que os acasos humanos pesam demasiadamente sobre cada homem. Os encontros fazem os negócios, e a ação corre à frente do pensamento.

A existência do povo criança encontra-se então fora desse movimento agitado. O homenzinho, carregado com seus livros, atravessa os acontecimentos da rua, e encontra outros acontecimentos, ordenados ao seu tamanho e de acordo com a sua expectativa, verdade ou problema. E os programas não são coisa pequena, porque são seguidos. Ora, não há um homem vivo, já saído dos estudos, que tenha alguma vez podido seguir um programa, e passar de um problema a outro segundo a ordem da dificuldade crescente. Os acontecimentos folheiam o livro de trás para diante, sem nos dar tempo de acabar o capítulo, ou pelo menos a frase. Mas na escola encontra-se ainda esta preciosa condição cujo passo é regulado pela massa dos iguais, de modo que a elite revê o que já sabe, e cura-se assim da surpresa. Em todos, uma espantosa segurança, por este socorro que não é suspeito, e esta confirmação de todos os instantes misturando convicção e persuasão segundo os meios de cada um. Para as menores coisas, para um verso de Virgílio ou para um cálculo, a opinião verdadeira se estabelece, com o auxílio do mestre pela união das provas e do rumor público. É agradável passar a lado de um grupo de escolares que caminha em direção à escola discutindo e comparando, a propósito de um particípio ou de um peso específico. Cada qual puxa o seu papel, e algumas vezes um hesitante corrige o seu sob a fé das autoridades, que são também garotos, sem majestade nem borla de doutor. Este feliz estado de espírito humano nunca mais se repetirá. Nem mesmo dois professores reunidos têm tamanha boa fé, nem uma tão pura consciência dos valores verdadeiros.

O povo criança forja idéias; o povo dos homens faz delas, e seguida, o que pode, muitas vezes batendo com a tenaz, muito



vezes torcendo fracos cinzéis para cortar o ferro. Por causa dessa pressa de que eu falava, por causa do imprevisto, pela aflição. E essas idéias torcidas são algumas vezes muito belas, trazendo juntas as marcas da guerra e a linha do espírito. Eis por que as lombadas dos livros de aula são ainda algumas das melhores coisas que temos para considerar. Lembrança e recordação.

## XV

Esse pânico de crianças e esse afogamento levam-me a pensar que a escola, que é propriamente a sociedade das crianças, é e deve ser separada da natureza. A escola requer jardins, isto é, uma natureza desenhada, ordenada, limitada pelo homem. Toda a atividade se desenvolve então no trabalho escolar e no jogo, sem qualquer preocupação real de produção ou de defesa. Essas condições são reguladas pela própria natureza da criança, que é absolutamente sem defesa contra as paixões. Um desespero de criança logo ultrapassa qualquer medida e levaria à convulsão, se uma força superior, que é a da mãe ou da ama, não a tirasse da terra indiferente, exageradamente severa para essa idade, e não a enrolassse novamente no tecido humano do qual ela acaba de sair, do qual se espalha, sobre o pequeno ser, com o calor e o amor, o forte remédio das lágrimas e do sono.

Vendo uma criança levada ao colo compreendemos esta justa proporção entre a infância, que não sabe viver, e a humanidade, que protege a infância. Vemos também por toda parte, no trabalho, e mesmo no movimento agitado de nossas cidades, a criança feliz ou a criança adormecida, transportada, carregada, tão tranqüila neste gesto envolvente quanto em seu berço. Esta sabedoria da criança nos engana; ela pertence a nós, não a ela.

O povo criança é belo de ser visto na escola. Aí é que a criança encontra uma força conveniente à sua. Mas, se observarmos bem, perceberemos defesas e barreiras contra todas as ameaças externas. A criança brinca no barco ou no veículo, mas falta a água,

faltam os cavalos e a curva da estrada. Desde que a criança se encontra em relação com uma força real, ainda que seja no carro puxado por cabras, é preciso que tudo seja organizado e medido, e que, enfim, cabras, veículos e crianças sejam dominados pela força superior das amas e dos zeladores. Não se concebe um bonde de verdade, ainda que de dimensões reduzidas, servindo de brinquedo para crianças, e do qual elas fossem os condutores, os passageiros e os viajantes. A força mecânica, que é cega e desumana, não se presta à brincadeira. Ou então é necessário que os brinquedos mecânicos sejam muito pequenos, e que o pezinho possa derrubá-los sem esforço.

Na própria natureza, e sob as condições normais da vida humana, o povo criança é um monstro, pelo medo, que é a primeira das paixões e talvez a mola oculta de todas. Uma assembléia de crianças supõe um terreno plano, sem segredos nem armadilhas, e no qual tudo será brincadeira. Desde que apareça a ameaça, é preciso que a assembléia de crianças seja dividida, e governada de perto por um bom número de seres mais firmes, que não trocam medo por medo. Essa justa proporção entre naturezas reguladoras e naturezas reguladas é oferecida por essas famílias numerosas que afrontam os perigos comuns em uma viagem a Meudon. Devemos lembrar ainda aqui que as crianças não têm todas a mesma idade, e que o filho mais velho encontra naturalmente um grande reforço de razão e de coragem em seu papel de protetor. A escola, ao contrário, reúne crianças da mesma idade, o que provoca uma bela paz, contanto que sejam mantidas as condições próprias à escola; mas surgem também terríveis pânico, desde que o elemento desumano apareça. De maneira muito sábia, nas grandes escolas, já costumam ser também instituídos exercícios de fuga tranqüila, comandados pelo grito: "Fogo". Assim substitui-se a autoridade habitual dos mestres, fonte de confiança, pelo poder desumano do fogo, e principalmente pelo medo, rei dos poderes desumanos. Daí talvez perceberemos que a escola é uma sociedade de um determinado tipo, bem diferente da família, bem diferente também da sociedade dos homens, e que tem suas condições próprias e sua organização própria, bem como seus cultos e suas paixões próprias. Belo tema para o sociólogo.

## XVI

O psicólogo discorria seguindo a inclinação, como um regato. "Só a experiência, dizia ele, pode nos instruir. A observação não nos levaria longe se não tivéssemos aprendido com os ofícios a arte de modificar os fenômenos naturais, produzindo por nós mesmos mudanças bem determinadas das quais medimos os efeitos. Que é um físico, que é um químico, senão um homem que põe em questão os objetos, rompendo-os, pulverizando-os, submetendo-os ao calor ou ao frio? Sem estas inumeráveis tentativas, teríamos alcançado a lei oculta? Do mesmo modo a psicologia só se elevará à dignidade de uma ciência quando submetermos o homem a experiências preparadas. Os médicos já procuraram muito por esse lado; infelizmente, eles só consideravam os loucos. É preciso que os educadores submetam também as crianças das escolas a experimentações e provas, a fim de que se possa enfim apreender algo de positivo sobre esta natureza humana em sua infância, que eles conhecem mal. Sem essas investigações metódicas, perderão seu tempo. Para insinuar a infância, é necessário, inicialmente, conhecê-la." Que dizer contra isso? A evidência é nossa cabeça de Medusa.

O Sociólogo de óculos terá, entretanto, o seguinte a dizer: "Se os conhecimentos humanos tivessem sido formados na ponta de nossos dedos, como dizem vocês, o problema humano seria bem mais simples do que é, e isso me alegraria. Infelizmente isso não ocorreu. Em todos os povos antigos vemos que os ofícios chegam a uma espantosa perfeição, ao mesmo tempo em que os artesãos per-



manecem atados às mais ridículas superstições. Poderíamos concluir disso que o objeto que muda sob as mãos não instrui. Mas chamo a sua atenção para uma outra prova universal. A primeira ciência, e da qual saiu a primeira idéia da lei natural, foi por toda parte a astronomia; e os objetos astronômicos são justamente os únicos que estão fora de nosso alcance e que não podemos mudar. Assim o astrônomo foi protegido contra esta curiosidade indiscreta, que muda o objeto em lugar de considerá-lo com paciência. E ainda agora a experimentação, da qual vocês fazem tanta questão, só instrui o homem prudente e formado pela astronomia, isto é, aquele que observou muito tempo. Se é perigoso, para quem quer instruir, alongar muito rapidamente a mão, que diremos desse olhar psicólogo que muda o objeto humano sobre o qual se detém? E desconfio ainda mais dessas experiências que logo agitam seu tenro e frágil objeto. É preciso observar o homem com o canto do olho, e sem avisar. É curioso que vocês observem a infância de hoje, que com as palavras da língua, aprende em alguns meses a sabedoria dos séculos, quando a infância da espécie se mostra sobre toda a Terra em seus templos e seus deuses”.

Ele se calou e limpou os óculos. “Agora, disse, tenho ainda outra coisa a dizer, não como sociólogo, mas como professor, porque aprendi o ofício. Vocês dizem que é preciso conhecer a criança para instruí-la, mas isso não é verdade; direi antes que é preciso instruí-la para conhecê-la, porque sua verdadeira natureza é aquela desenvolvida pelo estudo das línguas, dos autores e das ciências. Formando-a no canto é que saberei se ela é um musicista.”

## XVII

O ensino deve ser resolutamente retardatário. Não retrógrado, muito pelo contrário. É para andar no sentido direto que ele recua. Porque, se não nos colocarmos no momento superado, como superá-lo? Seria um louco empreendimento, mesmo para um homem em toda a força, tomar os conhecimentos em seu último estado; não teria entusiasmo, nem qualquer esperança razoável. Vendo só a insuficiência por toda parte, aposto que ele se veria na imobilidade pirroniana<sup>10</sup>, porque, compreendendo tudo, nada afirmaria. Pelo contrário, quem acorre das idades antigas é como que lançado segundo o movimento exato. Sabe vencer. Essa experiência faz os espíritos vigorosos.

A Bíblia anuncia muito, e mais ainda segundo o espírito que segundo a letra. Porque não podemos parar aí. Mas também logo sabemos que não vamos parar. Este pensamento selvagem e absoluto, rochoso, abrupto, tem futuro. E já que tantos homens superaram a antiga lei, cada um pode se dar a permissão de nela acrescentar. E assim é que será levada à maturidade essa promessa de uma ordem melhor. Falta-nos, para sermos cristãos seriamente, termos sido pagãos ou judeus. Quem não é inicialmente fariseu, como poderia se curar de sê-lo? E também quantos homens são fariseus quando velhos! Tal é a marcha retrógrada. Isso é o que o direito nos faz sentir, porque o direito nunca é suficiente, e isso é

10. Alusão a Pirro de Elis (360-270 a.C.), fundador do antigo ceticismo. Defendia a suspensão do juízo sobre todas as coisas, para se alcançar a desejada imperturbabilidade (*ataraxia*).

bem fácil de ser compreendido. Mas também esse amargo pensamento a nada conduz. É o jurista que muda o direito para melhor, justamente porque o conhece, porque acredita nele e porque a ele está ligado. É pela suficiência, e não pela insuficiência, que uma idéia promete outra. Diante da espécie, o juiz de paz pensa algo de novo, pela própria força doutrinária; assim se faz a jurisprudência, bem mais forte e de muito maior alcance que a ironia do litigante.

A criança tem necessidade de futuro. Não é a última palavra do homem que lhe deve ser dada, mas antes a primeira. Isso é o que fazem de modo maravilhoso os antigos autores, que deveriam ser chamados Profetas. Eles nos dão a amêndoa, para que a quebre mos. A virtude das Belas-letras consiste no fato de que é preciso ouvirmos o oráculo. E não há melhor modo de nos interrogarmos a respeito de nós mesmos, como anunciava o frontão de Delfos<sup>11</sup>. Nas ciências, ao contrário, acontece muitas vezes que, pela perfeição do resumo, não vemos mais o obstáculo. Em um elegante curso de mecânica, nada se detém. E perguntamos: "Para que serve isto?", em vez de indagarmos: "De que pode isso me livrar?" O contrário ocorre em Descartes<sup>12</sup>, como podemos ver bem, porque ele se engana e se desengana; bem mais perto de nós. Mas Tales vale mais. Sócrates tinha essa arte de levar qualquer idéia à primeira infância<sup>13</sup>. É bom pensar a respeito dos líquidos com Arquimedes, e sobre o barômetro com Pascal; e até mesmo esta confusão que permanece em seus raciocínios não é ainda bastante nossa. Aproximamente, todavia, de nós. Os antigos possuem o novo; é o que os modernos muitas vezes não têm, porque sua verdade não está no nível de nossos erros. A Terra gira, isso é velho e gasto; o fanático não vê mais aí qualquer dificuldade. Mas quanto a isso será menos fanático, ou mais? Eu não saberia dizer.

11. O Templo de Delfos, dedicado a Apolo, trazia em seu frontispício a inscrição: "Conhece-te a ti mesmo", que era como uma advertência ao homem a respeito de seus próprios limites. Fonte de inspiração do pensamento de Sócrates.

12. Referência ao pensamento cartesiano, que antes de alcançar a certeza, se exercita na dúvida (*dúvida metódica*) até ao exagero (*dúvida hiperbólica*). Cf. Descartes, *Primeira Meditação*.

13. Sócrates, que lutava contra as falsas competências, principalmente as disseminadas pelos Sofistas, propunha aos seus interlocutores a volta ao estado de *ignorância* original, como ponto de partida de qualquer investigação.

## XVIII

Existe saber e saber. Quando um professor começa a explicar as coisas do céu, descrevendo inicialmente as aparências, e definindo o leste e o oeste pelo nascer e pelo pôr dos astros, muitas vezes surge um guri para dizer: "Não é verdade que o Sol se levanta e se deita; a Terra é que gira, papai me disse". Esse tipo de saber não tem remédio, porque aquele que sabe tão prematuramente que a Terra gira nunca dará suficiente atenção às aparências. E se lhe falamos da esfera terrestre, forma auxiliar que não pode deixar de ser usada para descrever as aparências, pensará que não é assim, e procurará, em vão, naturalmente, a ordem copernicana, tal como ela seria vista de uma estrela. A ordem copernicana é a verdade das aparências. Mas julgo que são necessários dois ou três anos de observações seguidas, e, segundo as aparências, antes de se formar realmente a idéia do sistema solar. É um mal irreparável, e muito comum, duvidar antes de se ter certeza.

O público se instrui mal, porque imagina que a última verdade é o que lhe convém. Mas a verdade não pode ser derramada assim de um espírito para outro. Para quem não a conquistou falando das aparências ela nada é. Quantas pessoas abriram os jornais dizendo: "Vejam os um pouco se o princípio da conservação da energia continua verdadeiro". Ambição vã. Não podemos renunciar aquilo que não temos. É preciso possuir inicialmente o princípio, e tentar com milhares de exemplos, para que se possa apenas conceber o segundo princípio, chamado de degradação, que não destrói o



primeiro, e que não tem qualquer sentido sem o primeiro. É preciso ter aplicado ambos muitas vezes, para que se possa duvidar de um ou de outro. A dúvida é uma passagem. Para experimentá-la, é preciso sentir inicialmente sob o pé uma inquebrantável resistência. A dúvida é o sinal da certeza.

Considerem atentamente Descartes<sup>14</sup>, o mais ousado duvidador que já existiu. Poderíamos dizer na verdade que duvida ainda menos que o ébrio, o delirante ou o louco. Porque diante desses pobres espíritos o mundo se desfaz a cada momento. As aparências tomam mil formas; é como um caos, do qual os sonhos nos dão alguma idéia. Mas também ninguém desejará dizer que esses espíritos fracos estejam em estado de duvidar. E de que duvidariam? Ao contrário, vejam que Descartes duvida, ao lado de sua lareira, mais desperto, mais liberado de qualquer paixão, mais seguro deste mundo sólido que qualquer homem. E, guardadas as proporções, eu diria que o célebre Poincaré<sup>15</sup> bem podia duvidar do movimento da Terra, porque inicialmente e por muito tempo havia pensado intensamente a tal respeito. Mas isso não faz com que qualquer guri possa se levantar do seu banco para dizer: "Não é verdade que a Terra gira, isso é só um modo de dizer". Há um caminho de idéia em idéia, e finalmente para além de qualquer idéia, que cada espírito deve seguir por sua conta, sempre com o cuidado de construir a verdade, mas pouco curioso de recebê-la. Se essa sabedoria fosse melhor compreendida, quase todos os homens, diante dos paradoxos de Einstein, diriam como digo: "Ainda não cheguei lá".

14. V. nota 12.

15. Referência a Henri Poincaré (1854-1912), matemático, físico-matemático e filósofo da ciência francês, a quem se devem importantes contribuições nesses campos especializados.

## XIX

Acho ridículo que se dê às crianças e às famílias a escolha de aprender isto antes daquilo. Ridículo também que se acuse o Estado de querer impor isto ou aquilo. Ninguém deve escolher, e a escolha está feita. Acredito que Napoleão exprimiu em duas palavras o que todo homem deve saber da melhor forma possível: geometria e latim. Ampliemos: compreendamos por latim o estudo das grandes obras, e principalmente de toda a poesia humana. Então, está tudo dito.

\* A geometria é a chave da natureza. Quem não é geometa nunca perceberá bem este mundo em que vive e do qual depende. Mas antes sonhará segundo a paixão do momento, enganando a si mesmo a respeito do poder antagonista, medindo mal, contando mal, nocivo e infeliz. Não quero dizer também que se deve ensinar toda a natureza, não. Mas regular o espírito segundo o objeto, segundo a necessidade claramente percebida. Nem mais nem menos. Quem não tem qualquer idéia a respeito da necessidade geométrica, tem também deficiência da própria idéia de necessidade exterior. Nem toda a física e toda a história natural juntas poderão suprir essa deficiência. Pouca ciência, portanto, mas uma boa ciência, e sempre a mais rigorosa prova. O que é belo na geometria é que há estágios de provas, e algo de claro e sadio em todas elas. Que a esfera e o prisma, portanto, nos dêem lições de coisas. A quem? A todos. É bem curioso decidirmos que uma criança ignorará a geometria porque tem dificuldade em compreendê-la;

este é, muito pelo contrário, o sinal de que se deve fazer pacientemente com que ela penetre na geometria. Tales não sabia toda a nossa geometria. Mas o que ele sabia, sabia bem. Assim, qualquer visão da necessidade será uma luz para toda uma vida. Não contém portanto as horas, não meçam as aptidões, mas digam apenas: "É preciso".

\* A poesia é a chave da ordem humana, e, como já disse muitas vezes, o espelho da alma. Mas não a poesia tola, feita em rimas especialmente para as crianças. Ao contrário, a mais alta poesia, a mais venerada. Muitas vezes se diz que a criança não a compreenderá. É verdade que inicialmente ela não compreenderá. Mas o poder da poesia consiste nisto, em cada leitura: inicialmente, antes de nos instruir, ela nos dispõe pelos sons e pelo ritmo, segundo um modelo humano universal. E isso é bom também para a criança. Como aprende ela a falar, senão regulando sua natureza animal segundo este canto humano que escuta? Façamos portanto com que recite escrupulosamente o belo canto. Assim é que, regulando inicialmente suas paixões, ela se põe em seguida em situação de compreender todas as paixões, elevando-se logo ao sentimento, ponto de observação de onde se descobre toda a paisagem humana.

Mas a criança é grosseira e como que selvagem? Indiferente a essas coisas? Não acredito. A grande poesia tem efeito sobre todos. Os mais rudes garotos querem a maior poesia. É o melhor remédio contra a careta, que é uma espécie de poesia, mas sem suor. Portanto, toda a poesia para todos, e o mais possível. E toda língua humana, o mais possível. O homem que não é disciplinado segundo essa imitação não é um homem.

† Geometria e poesia: isso basta. Uma tempera a outra. Mas ambas são necessárias. Homero e Tales conduzirão o estudante pela mão. A criança tem esta ambição de ser homem. Não devemos decepcioná-la. E menos ainda deixá-la escolher em meio ao que ela ignora. Sem o que o catecismo faria com que enrubescessemos. Porque os teólogos ensinavam a todos tudo o que sabiam, defendendo-se diante do espírito rebelde. E, na dúvida, batizavam qualquer forma humana. Iremos nós, então, escolher e recusar o batismo humano ao frívolo ou ao adormecido?

## XX

O garoto que mostra aptidões ou tão-somente um gosto acen-tuado pelo estudo é logo tirado de sua cidadezinha. Cada qual quer levá-lo adiante à sua maneira, e ele é celebrado pelas comadres. É um belo traço do homem esta admiração diante de uma criança que talvez seja alguém. Os condiscipulos também fazem um belo coro nesses louvores. E conheci pessoas que, mesmo depois de passados sessenta anos, ainda tinham orgulho de terem sido colegas, elas, pessoas medíocres, de um homem bem sucedido. Assim todos procuram o gênio e falam muito a seu respeito. Todos nós conhecemos gente desse tipo, pessoas boas, mas que só se enganavam por esperar demasiadamente. Em suma, as bolsas não faltam, os bolsistas é que faltam. E assim são procurados os candidatos para as altas colocações, em número bem maior que seria necessário. Depois que o ancinho passa nada fica que possa esperar um sucesso real. Este problema está resolvido; não há barragem. Lembro, como exemplo, todos estes filhos de camponeses e de operários que estão atualmente situados, e muitos acima do que valiam. Mas também não quero seguir estas fracas declamações sobre aqueles que, tendo sido chamados, não são eleitos. Entre esses, e conheço-os bem, não vejo um desclassificado em cem; quase todos voltam para suas províncias, onde não provocam ruído, mas permanecem acima de suas pequenas funções, e úteis ainda pelo conselho; é um bom levedo.

Restam ainda aqueles que não são suficientemente instruídos, seja porque não querem aprender, seja porque não podem. Aqui



está o verdadeiro problema. Houve um tempo em que o garoto que raciocinava mal uma ou duas vezes sobre os triângulos era logo abandonado. Conduta razoável, se o poder só procura recrutas para a parte governante; conduta ridícula, se o poder deseja realmente cidadãos esclarecidos. Quando um menino não mostra qualquer aptidão para as matemáticas, isso é um aviso de que é necessário ensinar-lhe matemática obstinada e engenhosamente. Se não compreende o que é mais simples, que poderá então compreender? Evidentemente, no que se refere ao mais fácil, é aceitável esse julgamento sumário, que ainda é muito ouvido: "Este menino não é inteligente". Mas nem isso é permitido. Muito ao contrário, é o erro capital em relação ao homem, e constitui injustiça essencial mandá-lo assim para junto dos animais, sem empregar em seu favor todo o espírito que se tem e todo o calor de amizade de que se é capaz, fazendo voltar à vida estas partes geladas. Se a arte de instruir só tem a finalidade de esclarecer os gênios, ela é ridícula, porque os gênios surgem ao primeiro chamado, e atravessam os obstáculos. Mas aqueles que se agarram em tudo e se enganam com tudo, aqueles que são sujeitos a perder a coragem e a desesperar de seu espírito, esses é que devem ser ajudados.

Mesmo o maior cuidado não seria exagerado, nesse julgamento; e, por meu lado, se eu tivesse que julgar algum espírito ousado e vigoroso, faria com que ele se pusesse a desfiar as primeiras noções com pequeno escravo, como fazia Sócrates. Suspeito até que o gênio, em seus discursos para si mesmo, seja mais criança do que poderíamos pensar, e procura o selvagem, o escravo, o tolo, o retardado, o supersticioso, o estúpido, o adormecido, em si mesmo. Eis por que muitas vezes pensei que não estaríamos perdendo tempo se reuníssemos a cauda do rebanho, revirando de mil modos os primeiros elementos até vencer os espíritos mais obtusos. Os melhores ganhariam com isso, e também o mestre, por meio desta reflexão sobre o que acreditamos saber, coisa muito rara.

Não há homem, evidentemente, a respeito do qual se possa declarar que não pense além de seu ofício. Ainda que ele seja escravo, como Esopo, sempre pensará. Ora, ele não será escravo. Não

apenas pensará nas coisas divinas e humanas, mal ou bem, como fazem todos, mas, além disso, decidirá a respeito da paz e da guerra, do justo e do injusto, da nobreza, da baixaza, e enfim a respeito de tudo, talvez de maneira louca, com todo o seu peso de homem, certamente. O mais livre dos escritores sente a cada instante este peso em sua pena. E também não é pouco se um homem, destinado ao comércio, à agricultura, ou tão-somente à prática dos mecânicos, lê Descartes, Montaigne e Pascal, ou pelo menos entrevê a majestade dos teoremas mais simples. Este mundo irá sempre como vai, se o tesouro das Humanidades estiver reservado àqueles que são mais dignos dele. Mas se nos puséssemos a instruir os ignorantes, veríamos coisas novas.

70  
D nada mudou  
se a Educ  
para a novidade  
se ao gênio

71  
D tudo do mundo  
se ao gênio  
destruindo